

Nelson Werneck Sodré: uma obra militante.

Paulo Ribeiro da Cunha

Ao longo da história brasileira, vários intelectuais se destacaram pelo conjunto de sua obra, poucos, no entanto, somam a este reconhecimento uma inserção militante, especialmente no campo popular. Recentemente, alguns deles começaram a ser resgatados no debate político e acadêmico; todavia, entre eles há uma singularidade que foi Nelson Werneck Sodré. Ele desenvolveu sua trajetória na perspectiva de *duas vocações*, a primeira, a vocação como militar de carreira; a segunda, como intelectual de profícua obra de cerca 56 livros, além de autor de milhares de artigos, abordando várias áreas do conhecimento como a história, a economia, a política, militares entre outras. Se ao mesmo tempo, como militar, chegou a patente de general (da reserva); como intelectual, desenvolveu esta vasta produção teórica descolada da universidade, algo singular por sua dimensão, e na confluência de ambas as vocações, há ainda outra característica do historiador bem pouco explorada: a do revolucionário. Esta confluência vocacional de Nelson Werneck Sodré tem origem no tenentismo, e, aos poucos, pavimentada em sua rotação à esquerda e ao marxismo, sendo que, no processo de lutas no Brasil do século XX, ele atuou com destaque militantemente nas grandes causas nacionais. Porém, o preço pago pelo também foi alto, e refletiu por um lado, no obscurantismo e sua rejeição das forças armadas como um de seus maiores pensadores; e, por outro, também expressou na academia, em face de sua condição de militar e militante comunista (com uma obra produzida à margem de seu campus), a rejeição por alguns setores universitários a qualquer diálogo. Nos últimos tempos, temos visto sua redescoberta – através de livros sobre o autor e dissertações sobre sua obra - e a retomada de um diálogo sobre a

contemporaneidade de suas teses que, aos poucos começam a transpor os muros acadêmicos, embora esta aproximação ainda esteja distante entre os militares.

Nelson Werneck Sodré nasceu em 1911, vindo ao mundo pouco antes de grandes acontecimentos internacionais como a I Guerra e a Revolução Russa com reflexos diretos em um Brasil em transformação, como ele mesmo ressalta em suas memórias, embora ainda um país dependente no seu quase centenário de independência. Sua origem familiar é modesta e não tem qualquer tradição com a carreira das armas; na verdade, ele como muitos de sua geração e das subseqüentes, entraria no Colégio Militar e posteriormente na Escola Militar como a quase única possibilidade naqueles tempos de viabilizar uma ascensão social e ter uma formação. Não sem coincidência, esta experiência – não isenta de suas críticas – possibilitaria a Sodré elementos para fundamentar – conjuntamente com outras mediações como o fato dos militares estarem ao lado das causas nacionais e progressistas em vários momentos de nossa história – a controversa tese da vocação democrática do exército. Mas não somente este aspecto veio influenciar sua formação, embora esta passagem no exército seja uma determinação; o Brasil à época vivificava uma era de grandes transformações, seja pela emergência de um movimento operário que aos poucos se inseria no processo político como ator social; mas que também vivificado pela participação dos militares na política, particularmente com a emergência do tenentismo como expressão de vanguarda de um processo revolucionário burguês que antecipava a presença da jovem oficialidade no processo histórico.

Sodré teve uma discreta atuação política na época de cadete e aspirante (a rigor, esta foi uma característica de sua vida), atuando mais como escritor e abordando em seus artigos temas variados e que iriam compor a substância de

suas futuras teses. Curiosamente, diria posteriormente em suas memórias que não era político. Na época, destacou-se, pelo resgate da Revista da Escola Militar e que por si só, não era pouco, até porque, pavimentava nesta perspectiva o diálogo extramuros e que, na sua leitura, seria entendida ser fundamental para aproximar o exército da sociedade civil. Mas não somente. A Escola Militar era igualmente um palco de debates, já tendo entre os futuros cadetes à época uma reflexão sobre a Revolução Russa, bem como tinham a leitura de autores nacionais e mesmo clássicos dentro da instituição. O corpo docente era composto por professores de várias tendências, alguns deles socialistas convictos, e nos anos 30, havia inclusive na instituição a presença de células comunistas. Quando o historiador ali estudou, algumas greves organizadas por estas células ocorreram; mas não há elementos para sustentar a tese de que ele tenha se aproximado do comunismo nesta época, embora fosse um leitor voraz, e alguns clássicos do marxismo como Lênin e especialmente Plekanov, fossem leituras de sua intimidade. Daí podemos sustentar a hipótese que sua perspectiva sobre um projeto nacional estivesse em grande medida embasada nos autores vinculados a II Internacional. Todavia, a Escola Militar não estava dissociada do momento político nacional, e, além dos vários levantes tenentistas que refletiam internamente entre os alunos com conseqüente politização; outro fator que se somava, era a proximidade com o movimento operário de esquerda na Capital federal e que teria contribuído para a transferência da instituição para a cidade de Resende.

Em 1932, Sodré se gradua aspirante de artilharia sendo designado para servir na distante cidade de Itu/SP. Paralelamente as atividades militares, lá teve início sua presença como articulista em vários jornais, especialmente como crítico literário no jornal *Correio Paulistano*, presença esta que duraria mais de 20 anos. Nela, o historiador pode desenvolver através da crítica

literária a crítica social, sendo que, é perceptível que muitas reflexões que norteariam a reflexão de sua obra e de suas teses bem como aspectos que singularizaram sua intervenção na política (não como militante comunista) já encontravam nestes textos uma fundamentação, embrionária contudo, mas que seria anos depois, pavimentada pelo referencial marxista. Também nestes artigos, desenvolveria uma reflexão crítica que possibilitaria, ao mesmo que um acúmulo material de dados, a possibilidade de editar muitos trabalhos. Não demoraria, e, em 1938 publicaria seu primeiro livro *História da Literatura Brasileira*. Outros iriam se somar ao longo dos anos seguintes, muitos deles com contribuições instigantes advindas de sua trajetória como militar em lugares até então distantes, mas que seriam determinantes para sua futura rotação ao marxismo.

Uma delas aconteceu em 1937, quando o jovem tenente foi convidado a ser ajudante de ordens do General José Pessoa, figura de proa no exército, mas que naquela ocasião, estava no ostracismo. O autor pontua em suas memórias que aceitou o convite por razões éticas, mas tinha clareza das conseqüências futuras que esta comissão iriam se somar a sua carreira. Um ano depois, conjuntamente com o General Pessoa, seria transferido para o Mato Grosso, naquela ocasião, uma das Sibérias caniculares brasileiras, como bem dizia Euclides da Cunha. No Mato Grosso, Sodré pode substanciar empiricamente vários conceitos até então embrionários. Por exemplo, apreendeu naqueles isolados rincões uma singular dimensão de temporalidade na história. Ao entrevistar antigos moradores, sempre emergia nestes relatos, a guerra; mas ele percebeu nestes diálogos que, em face do isolamento da região, as referências de ruptura e temporalidade deles não, era a recente I Guerra Mundial e sim, a distante Guerra do Paraguai, esta sim algo mais que presente.

Estas reminiscências iriam compor posteriormente o livro *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*, um dos poucos desta fase que ao autor admitiu uma reedição. Mas ainda há outras determinações. Ali ele percebeu a presença de relações semifeudais ainda existentes, seja a servidão característica e quase inalterada desde os tempos coloniais, seja a presença do latifúndio como expressão deste processo de dominação; sem deixar de mencionar sua presença como expressão do atraso que se configurava na aliança com o Imperialismo. Este último tinha como exemplo maior naquela região, o virtual enclave da Cia Mate Laranjeira. Seguramente, aquela experiência propiciou subsídios empíricos ao autor na elaboração de suas futuras teses.

Após aquela fase no Mato Grosso, Sodré voltaria ao RJ e ali, teria por algum tempo, uma crescente atividade intelectual com vários intelectuais e dinamizaria sua presença em círculos de debates e em outros periódicos como crítico literário, inclusive, contribuindo com a Revista Cultura Política. Novos ares políticos, no entanto, emergiam no horizonte e com a II Guerra se aproximando do Brasil, já promovido a Capitão, ele foi transferido para Salvador. A Bahia era um estado singular no cenário político, tendo lá a presença de muitos exilados do Estado Novo, mas com uma presença tolerante do interventor de Juraci Magalhães à frente do governo. Ali os comunistas desenvolviam uma singular política de reconstrução do PCB, duramente golpeadas pela repressão pós 35 e com eles, Sodré iniciou um diálogo que não demoraria a estabelecer novas pontes de sua aproximação ao comunismo.

O autor já estava escolado de algumas ilusões quanto a efetividade do exército como expressão de uma instituição modelar (embora nunca tenha abdicado da tese de sua vocação democrática), e, associadas a outras experiências advindas de sua práxis castrense, somadas razões *político-morais*

e *ético-culturais*, confluíram para sua formação como um intelectual revolucionário. Seguramente, na Bahia houve sua rotação à esquerda e é o momento em que temos o historiador com outra concepção de política, até porque – há também indícios – que ali, naquele profícuo diálogo e reflexão teórica, que entrou no PCB.

O curioso neste processo foi sua discrição como militante, característica de uma vida; embora saltasse nos seus artigos e análises, os conceitos marxistas e de certa forma, neles se apresentasse uma agenda que em muito se aproximava a dos comunistas. Inegavelmente, aquilo que mais se apresentava, é sua concepção de política, aspecto este que aos poucos, pavimentaria sua rotação ao marxismo. A rigor, ele associava a fase anterior de sua trajetória bem como seus livros como descolada de posicionamentos políticos, pontuando até que eram trabalhos de pouca relevância e uma intervenção política inexistente, não percebendo que a ruptura que procurava estabelecer ao se aproximar do PCB era uma ruptura de continuidade. Há uma apreensão outra que se inicia como intelectual revolucionário, mas presente com a autonomia intelectual que o caracterizaria bem como uma intervenção militante entre os militares que não demoraria a se apresentar.

Coincidentemente, ele não publicaria livros significativos durante muitos anos e mesmo seu volumoso e eclético *Formação da Sociedade Brasileira*, editado em 1944, não teria sua recomendação como uma de suas obras significativas. Continuara tendo o autor profícuo produção intelectual como articulista em jornais e revistas, mas demoraria alguns anos para vir à tona seus primeiros trabalhos seminais com o amadurecimento teórico advindos desta rotação. Porém, mais um dado merece atenção: sua militância política já seria norteadada por estes pressupostos, e, a partir de 1950, quando já de volta do Rio de Janeiro, cursou a ECEME – Escola de Comando e Estado

maior do Exército. Ao final do curso, é convidado a ser instrutor na instituição. Ali, Nelson Werneck Sodré participou de uma das mais significativas intervenções dos militares de esquerda na história brasileira: as eleições do *Clube Militar* e a Campanha *Petróleo é Nosso*.

Naquela ocasião, já como instrutor, compôs a chapa nacionalista para participar das eleições da nova diretoria do Clube Militar, tendo à frente na presidência, o General Estilac Leal e vice-presidente, o General Horta Barbosa. Ambos incorporavam o ideário tenentista, o primeiro expressava a tradição, o segundo, substanciava a concepção modernizadora que faltara aquele ideário. Sodré é eleito conjuntamente com outros companheiros nacionalistas e também do PCB, mas as reações em contrário à direita também não tardariam acontecer. Ainda que a linha política do partido – pós cassação em 1947 – fosse inevitavelmente à esquerda, entre os militares comunistas prevalecia à leitura de intervenção política de valorização da legalidade e da democracia. Vicissitudes à parte, nesta linha é que a chapa nacionalista fundamentalmente atuou os militares/militantes, tendo eles tido papel relevante no sentido de assegurar a mobilização que viabilizou o monopólio do petróleo ao país. Mas não somente. A guerra fria já se fazia presente e com crescentes suspeitas de que o Brasil enviaria tropas a Guerra Coréia; e, o Clube Militar não ficou ausente desta polêmica.

Em um artigo de autoria desconhecida, intitulado '*Considerações sobre a guerra da Coréia*', publicado na Revista do Clube Militar, mas sugestivo de ter origem neste grupo do PCB – ao menos – teve deles uma sanção coletiva para publicação, o texto criticava fortemente a intervenção americana na península asiática. A rigor, o artigo foi o estopim de uma polêmica que galvanizou uma reação em contrários de setores da Direita Militar e através dela, uma crise política que se somaria ao impasse institucional, não muito

tempo depois com o suicídio de Getúlio Vargas. Isto refletiu diretamente em Nelson Werneck Sodré, Diretor Cultural do Clube Militar a qual a Revista estava subordinada. Seguramente o artigo era de seu conhecimento, quiçá participação em sua elaboração, mas a partir daquele momento, novos ventos em contrário começaram a soprar. Ainda assim, a despeito das críticas, manteve-se firme em suas convicções e coerente com os princípios assumidos.

Inegavelmente, se foi um dos períodos mais ricos de debates e mobilização na história brasileira e nele, Sodré participou ativamente; no episódio em questão – que nunca se arrependeria - visualizou o epílogo de sua carreira militar. As promoções ao longo dos anos subsequentes e ele não foi um caso isolado, também aconteceu com a maioria de seus colegas da esquerda militar entre outros oficiais nacionalistas, a partir daquele momento foram por antiguidade. As consequências, porém, não pararam por aí. Ele como todos os membros da diretoria do Clube Militar foram exilados em guarnições distantes do país. No seu caso, é enviado a Cruz Alta no Rio Grande do Sul, ficando quase totalmente isolado. Voltaria ao Rio de Janeiro somente 04 anos depois e ali teria início uma outra etapa de sua vocação intelectual, quando teve início sua participação no ISEB. Paralelamente, continuaria militando - com alguma discricção - intervindo nas várias crises nacionais, assinando artigos (muitas vezes com pseudônimos), entre os quais destacamos duas passagens. Uma primeira no Jornal *‘Última Hora’* quando assinou dezenas de artigos em uma coluna tendo por autoria *o Observador Militar*; ou outra no *‘O Semanário’* bem na crise da posse de João Goulart com o pseudônimo Coronel X.

Nesta última crise, ele chegou a ser preso, punido e anistiado posteriormente com outros companheiros, anistia esta que repudiou. Ao final, as punições impostas por terem atuado em defesa da legalidade acabaram

sendo revogadas, punição esta que ele não aceitou que fosse retirada do seu prontuário. Ela o dignificava, comentaria depois em suas memórias, valia mais que uma medalha e por essa razão, não poderia abrir mão dela. Sua última atuação militante antes do golpe de 1964 caracterizou-se pela intensa atuação no ISEB, fase esta associada ao debate nacionalista e das reformas de base, inserida num contexto de intensa presença no movimento de massas. Pouco antes, Sodré passaria a reserva, confluindo nesta última opção, a decepção com os rumos do governo Goulart, em particular em relação às promoções no exército e na designação de conspiradores para comandos das unidades militares, fator que refletia a fraqueza de um compromisso. O curioso que seu pedido teve um encaminhamento kafkiano, com idas e vindas do ofício, tendo inclusive a intervenção direta de João Goulart no sentido de demovê-lo daquela decisão. Não conseguiu e o recém-promovido Coronel Nelson Werneck Sodré passaria a reserva na condição de General de Brigada (ref).

Porém, nesta última fase do ISEB e pré-golpe de 1964 ainda atuou intensamente na defesa das reformas de base, intervindo, escrevendo e publicando. Ministrou vários cursos nesta fase, cursos estes que foram fundamentais para a reavaliação de alguns pressupostos teóricos e a reelaboração de novas teses. Decorre desta fase a maturação de 03 de seus livros seminais, *Introdução à Revolução Brasileira (1958)*, *Formação Histórica do Brasil (1962)* e *História da Burguesia Brasileira (1964)*. Além, disso, foi neste período que reeditou, num livro totalmente novo com outros referenciais teóricos, *História da Literatura Brasileira (1964)*. Nestes trabalhos – entre outros - já se apresentavam referenciais teóricos, por não dizer paradigmáticos bem originais na reelaboração de suas teses, destacando-se Sodré no pioneirismo da apreensão, intelectuais até então pouco conhecidos no Brasil como Lukács e Mariategui.

De certa forma, o golpe de 1964 não o surpreendeu e lamentou em entrevistas posteriores, que a esquerdização decorrente isolou totalmente as forças nacionalistas e progressistas, contribuindo para a derrota. Para não ser preso, refugiou-se no interior de São Paulo, mas aquela situação de clandestinidade não duraria muito, sendo detido e encarcerado pouco tempo depois. Libertado, viveu a situação de um exílio em seu próprio país, tendo seus canais de atuação bastante reduzidos; embora, a fase subsequente em plena ditadura refletiu num inegável impacto na sua produção intelectual. Sodré continuaria escrevendo artigos e ensaios, alguns assinados com pseudônimos. Publicaria ainda duas obras seminais, na primeira, a fundamentação de sua tese histórica sobre a vocação democrática do exército - *História Militar do Brasil (1965)* e o segundo, de certa forma correlata ao primeiro e a tese ali exposta *Memórias de Um Soldado (1967)*.

O AI 5 em 1968 o limitaria, em grande medida, qualquer possibilidade de intervenção como intelectual e ou militante. Alguns de seus livros seriam, inclusive, incluídos no index e proibidos de circular. Quanto a atuação política no PCB, não há registros significativos de sua militância, salvo uma delas, mais ou menos na década de 70 quando teria sido convidado para compor o Comitê Central do PCB. Não se sabe se ele aceitou. Seguramente atuou nesta fase junto aos militares de esquerda, da forma possível e o quanto pode, contribuindo para a oxigenação política que aos poucos iria deteriorando as bases da ditadura militar. Com a redemocratização nos anos 80, ele e seus companheiros começaram a atuar junto as entidades de defesa da anistia. Uma delas, talvez a principal foi a *Adnam – Associação Democrática e Nacionalista dos Militares* - e apreende-se numa consulta ao seu arquivo pessoal localizado na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, que Sodré, mas não somente ele, conjuntamente a muito militares levantaram a luta pela

anistia, nacionalismo e democracia. Nela os embates aconteceram também procurando reintegrar e reincorporar os militares cassados. Na constituinte de 1988, pistas sugerem que eles tentaram influir na formação do Ministério da Defesa.

Nós últimos anos, o general Sodré continuou escrevendo e publicaria alguns livros. Sem abdicar de suas convicções socialistas, reavaliava o momento político brasileiro democrático em artigos e entrevistas. Quase na virada para o século XXI, a *Revolução Brasileira* era operada conceitualmente como pressuposto necessário para se construir uma nação, combater o imperialismo e superar nossas debilidades, muitas delas neocoloniais. Faleceu o historiador em 1999 na cidade de Itú. Lamentavelmente, não presenciaria o resgate de sua obra nas universidades, com uma reflexão conseqüente, algumas delas ainda embrionárias e tímidas, mas seguramente contemporâneas, com muitos livros sobre ele e sua obra publicados bem como a reedição de muitos de seus trabalhos. Antes de sua morte, porém, procurou até o último de seus dias, seja através de artigos e/ou colocações, pavimentar pontes de diálogo no sentido de reaproximar as forças armadas e a sociedade civil, já que, entendia que estavam superadas as divisões do pré-1964. Talvez este tenha sido seu último combate como militar ou resgatando o jargão partidário dos comunistas, sua última tarefa. Mas não o fim de seus sonhos de um Brasil autônomo, independente, quiçá socialista.

Paulo Ribeiro da Cunha

Professor de Teoria Política da Unesp, campus Marília. É autor, entre outros trabalhos, de: *Um olhar a esquerda: a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan / Fapesp, 2002.